



## BERGSON NO JAPÃO

Kuki Shūzō

Tradução de João Pedro da Silva\*

DOI: <https://doi.org/10.52521/poly.v17i2.13190>

**Resumo:** O presente texto é uma tradução do ensaio *Bergson au Japon*, escrito pelo filósofo japonês Kuki Shūzō (1888-1941) no volume de número 322 da revista francesa *Les nouvelles littéraires*, em 15 de dezembro de 1928. Após se formar em Filosofia pela Universidade Imperial de Tóquio, Kuki passa oito anos na Europa para desenvolver seus estudos. Nisso, tem contato, principalmente, com Heidegger e Bergson, filosofia alemã e filosofia francesa, fenomenologia e espiritualismo, noções de filosofia ocidental que agregariam ainda mais suas bases intelectuais no pensamento e reflexão acerca das questões éticas, culturais e estéticas do Japão, na relação entre Oriente e Ocidente e no amadurecimento de sua própria filosofia. A obra traduzida em questão discute a recepção de Bergson no Japão e as características fundamentais da filosofia bergsoniana para a sua grande ressonância na vida, sociedade e cultura japonesa.

**Palavras-chave:** Bergson, filosofia, intuição, Kuki, Zen.

## BERGSON AU JAPON

**Resumé:** Le présent texte est une traduction de l'essai *Bergson au Japon*, écrit par le philosophe japonais Kuki Shūzō (1888-1941) dans le nombre 322 de la revue française *Les nouvelles littéraires*, le 15 décembre 1928. Après avoir obtenu son diplôme de Philosophie à l'Université Impériale de Tokyo, Kuki passe huit ans en Europe pour développer ses études. Durant cette période, il entre en contact principalement avec Heidegger et Bergson, la philosophie allemande et la philosophie française, la phénoménologie et le spiritualisme, des notions de philosophie occidentale qui enrichiraient encore plus ses bases intellectuelles dans la réflexion et la pensée sur les questions éthiques, culturelles et esthétiques du Japon, sur la relation entre l'Orient et l'Occident et sur la maturation de sa propre philosophie. L'œuvre traduite ici discute la réception de Bergson au Japon et les caractéristiques fondamentales de la philosophie bergsonienne qui expliquent sa grande résonance dans la vie, la société et la culture japonaise.

**Mots-clés:** Bergson, intuition, Kuki, philosophy, Zen.

---

\* Pós-graduando em Docência no Ensino em Saúde pelo Centro de Ensino e Pesquisa Albert Einstein e graduado em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo. E-mail: joao2pedro003@gmail.com.



## 1. APRESENTAÇÃO

Kuki Shūzō<sup>142</sup> foi um filósofo japonês nascido no ano de 1888 em Tóquio, Japão. Seu pai, Kuki Ryūichi, foi um samurai, embaixador e burocrata nos Estados Unidos, além disso, durante a Era Meiji, assumiu um cargo no Ministério da Educação do Japão no campo das artes e cultura. A mãe de Kuki Shūzō, Hatsu, foi uma gueixa de Kyōto que muito influenciou no pensamento de seu filho para o campo da estética e tradição japonesa juntamente com o “pai espiritual” de Kuki Shūzō, autor de *O livro do chá* (2017 [1906]), Okakura Kakuzō também conhecido como Okakura Tenshin. Em uma estadia nos Estados Unidos, Hatsu não estava confortável longe de seu país de origem e retorna para o Japão. Sob a proteção de Tenshin que recebera o pedido de Ryūichi para que cuidasse que sua esposa chegasse bem em casa, Hatsu tem um caso extraconjugal com Okakura Tenshin enquanto Kuki Ryūichi permaneceu em Boston. Durante a viagem de barco de volta para o Japão, ao longo do período de três meses, Hatsu e Okakura se apaixonaram, e ela descobre depois uma gravidez. Não se sabe ao certo quem é o pai biológico de Kuki Shūzō, mas o fato é que Ryūichi o assumiu como seu legítimo filho, enquanto Hatsu e Tenshin permaneceram juntos durante a vida de Kuki, o que influenciou na sua infância para as artes e na maioridade a escrever um ensaio para o seu “pai espiritual”.

Antes mesmo de adentrar na primeira turma de Filosofia da Universidade Imperial de Tóquio, Kuki fazia parte de um grupo de estudos de alemão durante seu período no ensino médio, o que também era um indicativo da sua inclinação para estudar o pensamento ocidental contemporâneo. Durante sua graduação, foi companheiro de estudos de outros filósofos japoneses como Tanabe Hajime, Miki Kiyoshi e Watsuji Tetsurō, e, já possuindo noção da língua inglesa e alemã, se forma em Filosofia em 1912. Prossegue com a carreira acadêmica na mesma universidade até por volta de 1922.

Sob a conquista de uma bolsa de estudos do Japão, Kuki viaja de navio para a Europa e têm aulas particulares com o neokantiano Heinrich Rickert em Heidelberg.

---

<sup>142</sup> Para o presente texto, utilizou-se a estrutura sobrenome (Kuki) seguido de nome (Shūzō) para os indivíduos japoneses.



Posteriormente, Kuki viaja para a França e, na Universidade de Sorbonne, conhece o filósofo Henri Bergson com quem terá uma boa simpatia devido à sua filosofia da vida, cujas características também poderão ser vistas em suas poesias e obras posteriores do filósofo japonês.

Estando ciente do movimento daquilo que conheceria como *fenomenologia*, Kuki retorna para a Alemanha, em Freiburg, e assiste as aulas de Oskar Becker e Edmund Husserl, além de familiarizar-se com o assistente, Martin Heidegger, que escreve posteriormente a obra *A caminho da linguagem* (2003), onde, no terceiro capítulo, *De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador*, estabelece diálogo com Kuki e a filosofia oriental. Nesse sentido, Kuki acompanhou Heidegger longamente por seus cursos e palestras, desde a *Interpretação fenomenológica da Crítica da Razão Pura de Kant e Ensaio de Schelling sobre a essência da liberdade humana* até a *Física de Aristóteles*. Envolto nos mais diversos saberes referentes aos seus estudos fenomenológicos – e botânicos<sup>143</sup>, considerando o tempo que passou na Suíça catalogando a flora dos alpes –, volta novamente para a França, reencontrando Bergson mais uma vez, e aprende mais da língua e da filosofia francesa com o jovem Jean-Paul Sartre. Desse modo, Kuki é a ponte que faz com que Sartre seja apresentado a Heidegger.

Em sua estadia na França, Kuki participa de seminários e colóquios e publica o *Propos sur le temps* (1928), dividido em duas partes temáticas que abordam a noção de tempo na estética japonesa e o entendimento da metafísica sobre o tempo na filosofia oriental nipônica. Ele ainda escreve diversos poemas sobre as concepções japonesas em língua francesa no estilo *tanka*<sup>144</sup>. Nishida Kitarō, filósofo japonês fundador da Escola de Kyōto, convida Kuki para lecionar e assumir a cadeira de filosofia francesa contemporânea da universidade com o seu retorno em 1929, dessa forma concluindo oito anos de estudos e pesquisa no Ocidente.

---

<sup>143</sup> Ver *Ethics and Difference* (2001) de Graham Mayeda e *A vida das plantas* (2018) de Emanuelle Coccia.

<sup>144</sup> Estilo de poesia japonesa curta formada por 31 sílabas, em versos de 5-7-5-7-7 sílabas, respectivamente.



No ano seguinte, Kuki publica sua obra mais renomada, *Iki no kōzō* (1930), em tradução livre *A estrutura do iki*, no qual investiga a noção estética e moral do fenômeno japonês *iki* – um entendimento particular japonês marcadamente do período Edo, século XVIII, presente nos bairros urbanos dos prazeres –, considerando aspectos do Budismo e do *Bushidō*<sup>145</sup> através de uma perspectiva fenomenológica da linguagem, como sendo aquilo que adquire significado de acordo com o sentido da intencionalidade que há nele pressuposto conforme uma sociedade e uma cultura.

Nas obras de Kuki, filosofia alemã e filosofia francesa, Heidegger e Bergson, são alguns dos rastros que sustentam seu pensamento para com as questões éticas e estéticas na relação entre sociedade oriental japonesa e mundo ocidental europeu. Todavia, como analisa Tanaka Kyūbun (2001) pela perspectiva de Diogo César (2020) em alguns dos versos de Kuki, este demonstra uma predisposição para uma “filosofia da vida”, num sentido bergsoniano, em que temporalidade e contingência se destacam. No entanto, há um choque do vazio, o “nada”, o *não-ser* transpassando a todo momento o *ser* que, aos poucos, afasta Kuki do bergsonismo da mesma maneira que se distancia da analítica existencial heideggeriana. Melhor do que dizer que houve um “afastamento”, pode-se dizer que Kuki coletou as filosofias de Bergson, Heidegger e outros para entendê-las de um modo particular ao seu olhar como filósofo japonês que persegue uma compreensão contingencial metafísica que é a negação da necessidade como identidade do ser, conforme sua obra intitulada de *Gūzensei no mondai* ou *O problema da contingência* (2012 [1935]).

No ano de 1941, antes do término da Segunda Guerra Mundial, Kuki falece com 53 anos de idade devido às consequências causadas pela inflamação do peritônio.

No presente texto traduzido, publicado em 1928, no número 322 da revista *Les nouvelles littéraires*, nomeado como *Bergson au Japon* (Bergson no Japão), Kuki trata de temas como a recepção do bergsonismo no Japão e as características da “filosofia da vida” de Bergson que estabeleceram os êxitos da filosofia bergsoniana na Terra do Sol Nascente, levando em consideração o pensamento e filosofia japonesa na relação entre os indivíduos, os valores e a cultura.

---

<sup>145</sup> Constitui o código de conduta dos samurais e o Caminho do Guerreiro que vive e morre com honra.

## 2. BERGSON NO JAPÃO

Kuki Shūzō

*As notícias literárias, nº 322, 15 de dezembro de 1928, Livraria Larousse.*

O Japão, que se isolou completamente em meio ao oceano Pacífico, foi forçado a abrir suas portas, há sessenta anos, para a chegada dos navios de guerra americanos. A civilização ocidental foi introduzida, dessa forma, a partir da civilização anglo-americana. “Filosofia ocidental”, portanto, significava para nós “filosofia em língua inglesa”. O utilitarismo de Stuart Mill e de Spencer é a primeira filosofia que nós conhecemos. Felizmente, o espírito japonês não foi feito para aceitar plenamente esse gênero de pensamento. Nós nos desviamos dele sem encontrar nenhuma satisfação. Assim, quando muito mais tarde, esse mesmo utilitarismo, disfarçado sob o nome de “pragmatismo”, tentou introduzir-se entre nós, soubemos lhe fechar educadamente nossas portas.

A filosofia alemã entrou no Japão por volta de 1885. O primeiro entre os filósofos ocidentais, Kant, nos inspirou um profundo respeito. Suas principais obras foram traduzidas e comentadas. Sua doutrina foi objeto de inúmeros escritos. Até mesmo se criaram “noites kantianas” para discutir de vez em quando sobre sua filosofia transcendental. Fichte e Hegel são igualmente muito estimados. Nós também conhecemos um movimento neokantiano extremamente marcado. Estudamos fervorosamente a Escola de Marburg assim como a Escola de Heidelberg. Assim, Hermann Cohen e Heinrich Rickert tiveram entre nós um grande prestígio.

É nesse momento, onde o criticismo e o logicismo representavam quase exclusivamente a filosofia ocidental no Japão, é realmente nesse momento que surge de repente o nome do Sr. Henri Bergson. Foi por volta de 1910. Traduziu-se primeiro *A evolução criadora*, depois *Matéria e memória*, depois *A introdução à metafísica*. Do *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* nós somente possuímos uma tradução abreviada. Seu papel entre nós foi principalmente de nos restaurar o gosto pela metafísica. Nosso espírito tão ressecado pelo formalismo crítico do neokantismo alemão recebeu uma “alimentação celestial” da intuição metafísica bergsoniana. E a filosofia de



Nishida, talvez o mais profundo pensador do Japão de nossos dias atuais, se apresenta como um esforço para a síntese da filosofia transcendental e do bergsonismo. É o que já indicam os títulos de suas principais obras: *Pensamento discursivo e experiência vital*, *Intuição e reflexão na consciência de si*. Pode-se dizer, de uma maneira geral, que suas meditações se destinam, aceitando a intuição da duração pura, em salvaguardar os valores *a priori*.

É preciso também sinalizar dois efeitos secundários produzidos pelo bergsonismo e que caracterizam precisamente o estado atual do estudo da filosofia no Japão.

Primeiramente – fenômeno bastante curioso – é pela intermediação da filosofia bergsoniana que nós aprendemos a apreciar a fenomenologia alemã. Husserl, em primeiro lugar, não tanto como o autor da primeira parte de suas *Investigações lógicas*, mas como aquele da segunda parte, nem tanto como “puro lógico”, mas como fenomenólogo. E depois Max Scheler, filósofo da vida, e mais recentemente Martin Heidegger, autor de *Ser e tempo*.

Dentre os pontos comuns entre a filosofia bergsoniana e a fenomenologia alemã, o que nos parece de mais característico é o que justamente as distingue ambas da filosofia neokantiana: de uma parte a exigência bergsoniana de abolir a distinção tão nítida entre a matéria do conhecimento e sua forma, de outra parte a ideia de “intencionalidade” em Husserl ou a noção de “ser-no-mundo” em Heidegger. Esse ponto comum é talvez somente um resultado comum do método da intuição. Em todo caso, no Japão, nós fomos conduzidos do neokantismo à fenomenologia pela filosofia bergsoniana.

O segundo efeito do bergsonismo é muito mais natural; ele nos ensinou a apreciar a filosofia francesa em geral. O pouco que conhecíamos anteriormente da filosofia francesa era apenas o Montesquieu do *Espírito das leis*, o J.-J. Rousseau do *Contrato social* e o Comte da sociologia. Agora começa-se a se interrogar sobre Boutroux, Ravaisson, Maine de Brian. Na filosofia da “contingência”, na noção de “hábito” e no método da “apercepção imediata” se procura encontrar a corrente principal do pensamento francês. Interroga-se também qual relação a filosofia genial do



Sr. Bergson mantém de uma parte com Descartes e de outra parte com Pascal. Aprofunda-se o sentido de “mediação”, aprecia-se o “espírito de fineza”. Sabemos bem reconhecer a árvore pelos frutos.

Agora, por que temos uma aversão instintiva contra o utilitarismo? Por que Kant exerceu uma influência tão grande entre nós? Por que o Sr. Bergson é tão estimado no Japão? Às vezes, nos fazem a reprovação pueril de sermos somente hábeis “imitadores”. Quando uma civilização se choca com uma outra civilização, uma reciprocidade de influência não tem nada além de natural. Mas a aceitação da ideia não significa absolutamente imitação. O que se produz é a assimilação conforme a escolha. E o próprio modo de escolha nos revela sempre a espontaneidade e a atividade característica do sujeito que escolhe. Ora, há entre nós duas correntes predominantes de pensamento: o pensamento xintoísta na forma do Bushidō e o pensamento budista na do Zen. O Bushidō, “o caminho do Samurai”, é o culto do espírito absoluto, o desprezo do material. É uma moral idealista da “boa vontade”. Assim devia ser a condição *sine qua non* da aceitação do kantismo no Japão. O kantismo, senão talvez como teoria do conhecimento, ao menos como “fundamentos da metafísica dos costumes”, não poderia, uma vez importado, jamais morrer no país do Bushidō. De outr , o Zen, ou Dhyâna, ou “meditação” consiste em um esforço para compreender o absoluto pela intuição. E no pensamento japonês é ele precisamente que abriu a via para a filosofia do Sr. Bergson.

O método bergsoniano é “intuição simples e indivisível do espírito”, “tomada de posse direta” da duração. Ele diz que: “Não se alcançará a duração por um desvio: é preciso se instalar nela desde o início”. Um monge zenista diria a mesma coisa. Sr. Bergson escreve: “Vamos pedir à consciência para isolar-se do mundo exterior, e, através de um vigoroso esforço de abstração, de voltar a ser ela mesma”. Esse também é o método de meditação do monge zenista. Falando da duração, Sr. Bergson diz: sua “representação... ainda que clara para um pensamento que se volta nele mesmo e se abstrai, não poderia se traduzir na língua do senso comum”. Pela mesma razão, o Zen despreza a palavra e a linguagem. Está claro que a religião do zen e a filosofia bergsoniana não são a mesma coisa. Mas há um espírito tão evidentemente comum a ambos que não se poderia menosprezar sua afinidade essencial.



Não somente no seu método, mas mesmo no seu conteúdo, a filosofia bergsoniana mostra uma grande semelhança com o pensamento budista. Nós mencionaremos apenas dois pontos principais: 1º a ideia bergsoniana da duração que se expressa na imagem do “escoamento de água” é justamente a ideia fundamental do budismo: a fuga sem repouso das coisas, um fluxo de água; 2º quando o bergsonismo admite a possibilidade “de aceitar ao mesmo tempo, e sobre o mesmo terreno, a tese e a antítese das antinomias”, ele está muito próximo da verdade paradoxal que o Zen enuncia: Nirvana é Buda, Nada é Ser.

Todavia, esta semelhança resulta de que ambos se servem de métodos de intuição análogos, mas em total independência. E a atração fascinante que exerce o bergsonismo consiste precisamente para nós no fato que ele nos mostra essa afinidade em toda espontaneidade original. Em Schopenhauer e em Nietzsche, em contrapartida, algumas inspirações que nos suscitam têm demasiadas reminiscências orientais para que os olhemos no Oriente como filósofos verdadeiramente ocidentais. Sr. Bergson permanece nos limites da genialidade ocidental, e nos atrai ainda mais.

### 3. BERGSON AU JAPON

Kuki Shūzō

*Les nouvelles littéraires, n° 322, 15 décembre 1928. Librairie Larousse.*

Le Japon, qui s’isolait complètement au milieu de l’océan Pacifique, était contraint d’ouvrir ses portes, il y a soixante ans, par l’arrivée de navires de guerres américains. La civilisation occidentale introduite de cette façon n’était que la civilisation anglo-américaine. « Philosophie occidentale » signifiait alors pour nous « philosophie en langue anglaise ». L’utilitarisme de Stuart Mill et de Spencer est la première philosophie que nous ayons connue. Heureusement l’esprit japonais n’était pas fait pour accepter pleinement ce genre de pensée. Nous nous sommes détournés de lui sans y avoir trouvé aucune satisfaction. Aussi quand beaucoup plus tard ce même utilitarisme, déguisé sous le nom de « pragmatisme », a tenté de s’introduire chez nous, nous avons su lui fermer poliment nos portes.





La philosophie allemande est entrée au Japon vers 1885. Le premier parmi les philosophes occidentaux, Kant, nous a inspiré un profond respect. Ses principaux ouvrages sont traduits et commentés. Sa doctrine a fait l'objet de nombreux écrits. On a créé même des « soirées kantienne » pour discuter de temps à autre sur la philosophie transcendantale. Fichte et Hegel sont également très estimés. Nous avons aussi connu un mouvement néo-kantien extrêmement marqué. On a étudié ardemment l'école de Marbourg comme l'école de Heidelberg. Ainsi Hermann Cohen et Heinrich Rickert ont eu parmi nous un grand prestige.

C'est à ce moment, où le criticisme et le logicisme représentait presque exclusivement la philosophie occidentale au Japon, c'est à ce moment même que surgit tout à coup le nom de M. Henri Bergson. C'était vers 1910. On a traduit d'abord *l'Évolution créatrice*, puis *Matière et mémoire*, puis *l'Introduction à la métaphysique*. De son *Essai sur les données immédiates de la conscience* nous ne possédons qu'une traduction abrégée. Son rôle chez nous a été principalement de nous rendre le goût de la métaphysique. Notre esprit trop desséché par le formalisme critique du néo-kantisme allemand a reçu une « céleste nourriture » de l'intuition métaphysique bergsonienne. Et la philosophie de Nishida, peut-être le plus profond penseur du Japon d'aujourd'hui, se présente comme un effort pour faire la synthèse de la philosophie transcendantale et du bergsonisme. C'est ce qu'indiquent déjà les titres de ses principaux ouvrages: *Pensée discursive et expérience vitale*, *Intuition et réflexion dans la conscience de soi*. On peut dire d'une manière générale que ses méditations ont pour but, en acceptant l'intuition de la durée pure, de sauvegarder les valeurs a priori.

Il faut aussi signaler deux effets secondaires produits par le bergsonisme et qui caractérisent précisément l'état actuel de l'étude de la philosophie au Japon.

Premièrement — phénomène assez curieux — c'est par l'intermédiaire de la philosophie bergsonienne, que nous avons appris à apprécier la phénoménologie allemande. Husserl d'abord, non pas tant comme l'auteur de la première partie de ses *Recherches logiques*, que comme celui de la deuxième partie, non pas tant comme « logicien pur » que comme phénoménologue. Et puis Max Scheler, philosophe de la vie, et tout récemment Martin Heidegger, l'auteur de *l'Être et temps*.



Parmi les points communs entre la philosophie bergsonienne et la phénoménologie allemande, ce qui nous semble le plus caractéristique c'est ce qui justement les distingue toutes deux de la philosophie néo-kantienne: d'une part l'exigence bergsonienne d'abolir la distinction trop nette entre la matière de la connaissance et sa forme, d'autre part l'idée de l'« intentionnalité » chez Husserl ou la notion d'« être dans le monde » chez Heidegger. Ce point commun n'est peut-être qu'un résultat commun de la méthode d'intuition. En tout cas nous avons, au Japon, été amenés du néo-kantisme à la « phénoménologie » par la philosophie bergsonienne.

Le deuxième effet du bergsonisme est beaucoup plus naturel; il nous a appris à apprécier la philosophie française en générale. Le peu que nous connaissons auparavant de la philosophie française n'était que le Montesquieu de l'*Esprit des lois*, le J.-J. Rousseau du *Contrat social*, et le Comte de la sociologie. Maintenant on a commencé à s'interroger sur Boutroux, Ravaisson, Maine de Brian. Dans la philosophie de la « contingence », dans la notion de « l'habitude » et dans la méthode de l'« aperception immédiate » on cherche à trouver le courant principal de la pensée française. On se demande aussi quel rapport la philosophie géniale de M. Bergson soutient d'une part avec Descartes et d'autre part avec Pascal. On approfondit le sens de « médiation », on apprécie l'« esprit de finesse ». Nous savons bien reconnaître l'arbre au fruit.

Maintenant, pourquoi avons-nous une aversion instinctive contre l'utilitarisme? Pourquoi Kant a-t-il exercé une si grande influence, chez nous? Pourquoi M. Bergson est-il tant estimé au Japon? On nous fait parfois le reproche puénil de n'être que d'habiles « imitateurs ». Quand une civilisation s'affronte avec une autre civilisation, une réciprocité d'influence n'a rien que de naturel. Mais l'acceptation de l'idée ne signifie point l'imitation. Ce qui se produit c'est l'assimilation selon le choix. Et le mode du choix lui-même nous révèle toujours la spontanéité et l'activité caractéristique du sujet qui choisit. Or, il y a chez nous deux courants prédominants de la pensée: pensée shintoïste dans la forme du Boushido, et pensée bouddhique dans celle du Zen. Le Boushido, « la voie des Samourai » est le culte de l'esprit absolu, le mépris du matériel. C'est une morale idéaliste de la « bonne volonté ». Il devait être ainsi la condition *sine qua non* de l'acceptation du kantisme au Japon. Le kantisme, sinon peut-



être comme théorie de la connaissance, du moins comme « fondements de la métaphysique des mœurs », ne saurait, une fois importé, jamais mourir dans le pays du Boushido. D'autre part, le Zen, ou Dhyâna, ou « méditation » consiste en un effort pour saisir l'absolu par l'intuition. Et dans la pensée japonaise c'est lui précisément qui a frayé la voie à la philosophie de M. Bergson.

La méthode bergsonienne est « intuition simple et indivisible de l'esprit », « prise de possession directe » de la durée. Il dit: « On ne rejoindra pas la durée par un détour: il faut s'installer en elle d'emblée. » Un moine zéniste dirait la même chose. M. Bergson écrit: « Nous allons demander à la conscience de s'isoler du monde extérieur, et, par un vigoureux effort d'abstraction, de redevenir elle-même. » C'est aussi la méthode de la méditation du moine zéniste. En parlant de la durée, M. Bergson dit: sa « représentation... quoique clair pour une pensée qui rentre en elle-même et s'abstrait, ne saurait se traduire dans la langue du sens commun. » Pour la même raison, le Zen méprise le mot et le langage. Il est clair que la religion du zen et la philosophie bergsonienne ne sont pas la même chose. Mais il y a un esprit si évidemment commun à tous les deux qu'on ne saurait méconnaître leur affinité essentielle.

Non seulement, dans sa méthode mais même dans son contenu, la philosophie bergsonienne montre une grande ressemblance avec la pensée bouddhique. Nous ne mentionnerons que deux points principaux: 1° l'idée bergsonienne de la durée qui s'exprime dans l'image de « l'écoulement de l'eau » est justement l'idée fondamentale du bouddhisme: la fuite sans repos des choses, un flux d'eau; 2° quand le bergsonisme admet la possibilité « d'accepter en même temps, et sur le même terrain, la thèse et l'antithèse des antinomies », il est tout proche de la vérité paradoxale qu'énonce le Zen: Nirvâna est Bouddha, Néant est Etre.

Toutefois, cette ressemblance résulte de ce qu'ils se servent l'un et l'autre de méthodes d'intuition analogue, mais en toute indépendance. Et l'attrait fascinateur, qu'exerce le bergsonisme consiste précisément pour nous dans le fait qu'il nous montre cette affinité en toute spontanéité originelle. Chez Schopenhauer et chez Nietzsche par contre, quelques inspirations qu'ils nous inspirent, il y a trop de réminiscences orientales pour qu'on les regarde en Orient comme des philosophes vraiment



occidentaux. M. Bergson reste dans les limites du génie occidental, et nous attire d'autant plus.

#### 4. REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. Bergson au Japon. In: Arvensa Editions (org.). *Henri Bergson: Œuvres complètes*. Arvensa Editions, 2014.

COCCIA, Emanuelle. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Tradução de Fernando Scheibe. Editora Cultura e Barbárie, 2018.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

KUKI, Shūzō. Bergson au Japon. *Les nouvelles littéraires*, n. 322, 15 de dezembro de, Paris: Librairie Larousse, 1928.

\_\_\_\_\_. *Propos sur le temps: deux communications faites à Pontigny pendant la décade 8-18 août 1928*. Paris: Philippe Renouard, 1928.

\_\_\_\_\_. *Iki no kōzō*. Iwanami Shoten, 1930.

\_\_\_\_\_. *Gūzensei no mondai* (O problema da contingência). Tokyo: Iwanami Shoten, 2012.

\_\_\_\_\_. *Kuki Shūzō: A Philosopher's Poetry and Poetics*. Traduzido e editado por Michael F. Marra. Honolulu: University of Hawaii Press, 2004.

MAYEDA, Graham. *Ethics and Difference: Time, Space and Ethics in the Philosophy of Watsuji Tetsurō, Kuki Shuzo, and Martin*. Toronto, University of Toronto, 2001. Disponível em: [https://tspace.library.utoronto.ca/bitstream/1807/119021/1/NQ78093\\_OCR.pdf](https://tspace.library.utoronto.ca/bitstream/1807/119021/1/NQ78093_OCR.pdf). Acesso em: 20 mai. 2024.

OKAKURA, Kakuzō. *O livro do chá*. Tradução de Leiko Gotoda. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

SILVA, Diogo César Porto da. *A filosofia da literatura de Kuki Shūzō e como podemos ler/traduzir a filosofia japonesa*. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2020.

TANAKA, Kyūbun. *Kuki Shūzō: Gūzen to Shizen*. Tóquio: Pericansha, 2001.